



KnoWhy #396

Julho 19, 2018



Como Moisés e Néfi podem nos ajudar a entender a Investidura?

“enquanto estava eu sentado, ponderando em meu coração, fui arrebatado pelo Espírito do Senhor, sim, a uma montanha muito alta que eu nunca vira e sobre a qual nunca havia posto os pés.”

1 Néfi 11:1

O conhecimento

Devido à importância da ordenança de Investidura do templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias atualmente, podemos nos perguntar por que ela não é mencionada com muita frequência nas Escrituras. A resposta provável a essa pergunta é provavelmente que os autores do Livro de Mórmon queriam ajudar a manter as especificidades tão sagradas quanto possível. No entanto, algo como a Investidura parece ser mencionado com frequência nas Escrituras e pode nos ajudar a apreciá-la melhor. Elder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze Apóstolos, declarou:

De acordo com o Profeta Joseph Smith, a Investidura sagrada crucial foi administrada a Moisés ‘no topo da montanha’. O Presidente Joseph Fielding Smith expressou a crença de que Pedro, Tiago e João

também receberam a Investidura sagrada em uma montanha, o Monte da Transfiguração. Néfi também foi levado para uma montanha muito alta (ver 1 Néfi 11:1) e foi instruído a não escrever ou falar sobre algumas das coisas que vivenciou lá (ver 1 Néfi 14:25).”



A citação de Élder Neal A. Maxwell sugere que tanto Moisés quanto Néfi experimentaram algo parecido com a ordenança de Investidura nos tempos antigos. Uma pista que nos ajuda a identificar e apreciar esses momentos sagrados nas Escrituras é a presença de experiências no topo de uma montanha. Essa afirmação é corroborada tanto no livro de Moisés quanto no Livro de Mórmon.

Jeffrey M. Bradshaw observou: “Os detalhes da experiência de Moisés no capítulo 1 se enquadram na tradição da antiga literatura de ‘ascensão celestial’”, que “retrata profetas que vivenciaram encontros atuais com a Deidade dentro do templo celestial”. Isso pode ser visto em Moisés 1:1, quando Moisés foi “arrebatado a uma montanha sumamente alta”. Como Stephen O. Smoot apontou: “Imediatamente temos uma descrição que caracteriza esse texto como um texto de ascensão ao templo. Os topões das montanhas são simbolicamente associados ao templo no antigo Oriente Próximo. Não apenas isso, mas a assembleia divina de Deus também é descrita na Bíblia Hebraica como estando no topo de uma montanha.”

No Livro de Mórmon, Néfi foi “arrebatado pelo Espírito do Senhor, sim, a uma montanha muito alta” (1 Néfi 11:1), quase as mesmas palavras usadas para descrever os eventos em Moisés 1. O Espírito então perguntou a Néfi se ele acreditava na visão de seu pai (1 Néfi 11:4). Quando Néfi disse que sim, o Espírito deu a Néfi uma visão semelhante à de seu pai em 1 Néfi 8. Conforme o estudioso bíblico David Bokovoy, esse encontro “ecoa os temas do templo antigo” e forma um “esboço para representar um encontro oficial entre testemunhas e adorador em preparação para a introdução a verdades reveladoras mais avançadas”. Esse esboço é mostrado repetidamente no Livro de Mórmon.

Bokovoy resumiu:

“Néfi participou da ascensão celestial a uma montanha extremamente alta possuída pelo Deus Altíssimo [...]. O contato de Néfi com o Espírito do Senhor proporciona um retrato dramático da fé necessária para receber a introdução à verdade espiritual avançada. Por meio de seu testemunho, concedido pelo Espírito do Senhor, Néfi provou ser digno de passar pela sentinelas celestiais e entrar no reino da grande luz e conhecimento.”

O conhecimento que Néfi e Moisés receberam é semelhante ao que Presidente Ezra Taft Benson descreveu publicamente na BYU como a chave para os convênios do templo. Estas são “a Lei da Obediência e do Sacrifício, a Lei do Evangelho, a Lei da Castidade e a Lei da Consagração”. Moisés 5:1-6 enfatiza a obediência, os versículos 4-8, 20 discutem o sacrifício, os versículos 58-59 cobrem o evangelho, o capítulo 6:5-23 explica a castidade e 7:18 é o texto clássico sobre a consagração.

| Convênios do Templo | Moisés | Néfi |
|--------------------------------|--|---|
| Lei de Obediência e Sacrifício | Moisés 5:1-6, obediência Moisés 5:4-8, 20, sacrifício | 1 Néfi 11:25, obediência 1 Néfi 11:32-33, sacrifício |
| Lei do Evangelho | Moisés 5:58-59 | 1 Néfi 13:24-30 |
| Lei da Castidade | Moisés 6:5-23 | 1 Néfi 13:7-8, 34 1 Néfi 14:10-17 |
| Lei de Consagração | Moisés 7:18 | 1 Néfi 13:7-8 |

Néfi recebe essa mesma informação de forma simbólica. Em 1 Néfi 11:25, Néfi viu que a obediência à palavra de Deus, representada pela barra de ferro, leva à Árvore da Vida. Os versículos

32-33 revelam o Cordeiro de Deus sendo sacrificado pelos pecados do mundo. Esta é uma imagem especialmente adequada, pois cordeiros eram sacrificados sob a Lei de Moisés. 1 Néfi 13:24-36 menciona o evangelho sete vezes. Os versículos 7-8, 34 e 14:10-17 discutem violações literais e simbólicas da lei da castidade. Os versículos 13:7-8 também discutem a violação da lei da consagração conforme visto pelo amor às riquezas da Igreja Abominável.

O porquê



É impossível saber exatamente o que Moisés e Néfi experimentaram em seus encontros com Deus no topo da montanha. No entanto, suas experiências devem nos dar um apreço maior pelos templos que estão espalhados pela Terra nesta dispensação. Quando alguém vai ao templo hoje em dia e aprende coisas relacionadas ao que Moisés e Néfi aprenderam, pode ver o templo como nossa própria experiência no topo da montanha —um momento para nos aproximarmos pessoalmente de Deus.

Ao fazermos convênios com Deus, podemos olhar para trás, para a longa linhagem de santos fiéis que nos antecederam e apreciar as semelhanças entre nossas experiências no templo em relação às deles. Nosso tempo no templo pode ser tão poderoso quanto o tempo de Moisés e Néfi no topo de suas montanhas se estivermos preparados para fazer um convênio solene de guardar todas as leis mencionadas na investidura e receber todas as revelações e bênçãos que Deus está disposto a nos dar.

Os relatos de Moisés e Néfi nos lembram do significado do templo. Nesses edifícios sagrados, somos simbolicamente convidados a entrar na presença de Deus para participar de tudo o que Ele tem a nos oferecer. Devemos nos esforçar para ponderar um pouco mais sobre a grandiosidade de

nossas experiências no templo e lembrar que, quando estamos no templo, a casa do Senhor, seguimos os passos de Moisés e Néfi e verdadeiramente estamos na companhia de Deus e em lugares santos.

Leitura complementar

Jeffrey M. Bradshaw, “Why Did Moses Seem to Repeat the Same Experience Twice in His Vision?”, KnoWhy OTL01A (6 de janeiro de 2018).

Stephen O. Smoot, “The Divine Council in the Hebrew Bible and the Book of Mormon”, Interpreter: A Journal of Mormon Scripture 27 (2017): pp. 155–180.

Jeffrey M. Bradshaw, “The LDS Story of Enoch as the Culminating Episode of a Temple Text”, BYU Studies Quarterly 53, no. 1 (2014). David E. Bokovoy, “‘Thou Knowest that I Believe’: Invoking the Spirit of the Lord as Council Witness in 1 Nephi 11”, Interpreter: A Journal of Mormon Scripture 1 (2012): pp. 1–23.

E. Douglas Clark, “A Prologue to Genesis: Moses 1 in Light of Jewish Traditions,” BYU Studies 45, no. 1 (2006): pp. 129–42.



© Central do Livro de Mórmon, 2018

Notas de rodapé

1. Neal A. Maxwell, *Lord Increase Our Faith* (Salt Lake City, UT: Bookcraft, 1994), p. 78.
2. Jeffrey M. Bradshaw, *In God’s Image and Likeness: Ancient and Modern Perspectives on the Book of Moses*, 4 v. (Salt Lake City: Eborn Books, 2010). Para uma versão mais condensada deste longo comentário, ver Jeffrey M. Bradshaw, *Temple Themes in the Book of Moses* (Salt Lake City, UT: Eborn Books, 2010), esp. 17–51. Outro comentário útil sobre este tópico é E. Douglas Clark, “A Prologue to Genesis: Moses 1 in Light of Jewish Traditions,” BYU Studies 45, no. 1 (2006): pp. 129–142.
3. Bradshaw, *In God’s Image and Likeness*, 1: p. 37; ênfase no original. Ver também Bradshaw, *In God’s Image and Likeness*, 2: pp. 293–295. Comparece com Andrew F. Ehat, “Who Shall Ascend into the Hill of the Lord?” Sesquicentennial Reflections of a Sacred Day: 4 May 1842”, em *Temples of the Ancient World*, ed. Donald W. Parry (Provo, UT: FARMS, 1994), pp. 52–53.
4. Stephen O. Smoot, “I Am a Son of God”: Moses’ Ascension into the Divine Council”, BYU Religious Education Student Symposium (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 2012), pp. 129–143, 132–138. Ver também Donald W. Parry, “Garden of Eden: Prototype Sanctuary”, em *Temples of the Ancient World* pp. 133–137. Compare os comentários de Parry com William J. Hamblin e David Rolph Seely, *Solomon’s Temple: Myth and History* (London, UK: Thames and Hudson, 2007), p. 10. Para exemplos da assembleia de Deus em uma montanha, ver Isaías 14:12–14 e Salmos 48:3.
5. Para saber mais sobre eventos como este, consulte o artigo na Central do Livro de Mórmon, “Como o Senhor chamava aos profetas antigamente? (1 Néfi 15:8)”, KnoWhy 17 (20 de janeiro de 2017).

6. Stephen O. Smoot, “The Divine Council in the Hebrew Bible and the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 27 (2017): p. 176.
7. David E. Bokovoy, “‘Thou Knowest That I Believe’: Invoking the Spirit of the Lord as Council Witness in 1 Nephi 11”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 1 (2012): pp. 17–18.
8. Bokovoy, “‘Thou Knowest That I Believe’”, p. 22.
9. Ezra T. Benson, “A Vision and a Hope for the Youth of Zion”, discurso proferido na Universidade Brigham Young, 12 de abril de 1977.
10. Figura 6. The Two Ways of Keeping Covenants and Breaking Covenants, in Jeffrey M. Bradshaw, “Freemasonry and the Origins of Modern Temple Ordinances,” *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 15 (2015): p. 173.
11. Para saber mais sobre a grande e abominável igreja, ver Robert E. Parsons, “The Great and Abominable Church (1 Néfi 12–14)”, em *Book of Mormon, Part 1: 1 Nephi to Alma 29, Studies in Scripture*, Volume 7, ed. Kent P. Jackson (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1987), pp. 44–59.12. Para saber mais sobre a experiência de Néfi, ver Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 1: pp. 198–199.
13. Joseph Fielding McConkie y Robert L. Millet, *Doctrinal Commentary on the Book of Mormon*, 4 v. (Salt Lake City, UT: Bookcraft, 1987–1992), 1: p. 75.
14. Hugh Nibley, *Teachings of the Book of Mormon*, 4 v. (Provo, UT: FARMS, 1993), 1: pp. 184–185.
15. Stephen D. Ricks, “Temples Through the Ages”, *Encyclopedia of Mormonism*, 4 v., ed. Daniel H. Ludlow (New York, NY: Macmillan, 1992), 4: pp. 1463–1465.
16. Donald W. Parry, “Temples” em *Book of Mormon Reference Companion*, ed. Dennis L. Largey (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2003), pp. 753–754.